

174, 51.2, 6, 0
R.

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

CLUB LITTERARIO

ANNO I.—N.º 1.º—MEZ DE JULHO DE 1876

MACEIO'

TYP. DO CLUB LITTERARIO, RUA DA BOA VISTA N. 93

—
1876

PREÇO DA ASSIGNATURA

POR TRIMESTRE.	1\$500
NUMERO AVULSO	\$600

Pagamento adiantado

Directoria

Antonio F. Xavier da Costa — Presidente.
Elpidio Rogeiro de Novaes — Vice-Presidente.
Francisco X. da Costa — 1º Secretario.
Jayme Vieira de Araujo Luna — 2º Secretario.
Miguel de Novaes Mello — Orador interino.
João Teixeira de Araujo — Thesoureiro.

Commissão de Syndicancia e Fiscalisação

Francisco Salustiano de O. Costa
Manoel Corrêa Sampaio
João Nunes de Oliveira Costa.

Commissão de Redacção

Miguel de Novaes Mello.
Elpidio Rogeiro de Novaes.
Manoel Clementino da C. Monte.
Jayme Vieira de Araujo Luna.
Octaviano Coutinho Espindola.

A correspondencia e as reclamações devem ser enviadas ao escriptorio da typographia, á rua da Bôa Vista, n. 93.

REVISTA MENSAL
DA
SOCIIDADE
CLUB LITTERARIO

ANNO I.—N.º 1.º—MEZ DE JULHO DE 1876

MACEIO'
TYP. DO CLUB LITTERARIO, RUA DA BOA VISTA N. 93

—
1876

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE CLUB LITTERARIO

Maceió, 30 de Julho de 1876

E' fóra de duvida que o trabalho constitúe o maior brasão de nossa idade; foi um constrangimento e é uma liberdade, foi uma pena e é uma obrigação, foi um anathema e é uma sagração. Não ha resistencias contra a lei suprema do movimento: se na superficie da terra as moleculas se ajustam e solidificam a crôsta, nas profundezas do mar a madrépora surge á tona e edifica os continentes. Se nas cousas infimas assim é, não podia o homem se erguer contra a potencia de um agente que hoje é o instrumento de seu bem. Serva de semelhante principio, a mocidade votada aos labores das lettras grupou-se ao redor de um centro, confiou á intimidade suas aspirações, estudou e aprendeo, nascendo dessa leda occupação o Club Litterario, cujo orgão vem agora á luz, tremulo como o fructo de um amôr escondido no regaço da mutua confiança. Podiam os obscuros associados gastar em sem-saborias suas horas vagas; não quizeram perder o tempo do descanso, preferindo ás vaias da estulticia o estudo que ha de servir de arminho ao merecimento e de escudo aos golpes contra a patria. A apresentação do trabalho da associação escolar não tem pretensões nem requer arruidos; é um ensaio, um estímulo a melhores empresas na sociedade em que a vontade particular geme como Procusto, immovel no leito dos supplicios. Não se envergonhem os mestres do entendimento dos discipulos rudes, e se vi-

rem que a lição ficou mal decorada não neguem seu conselho, porque dessa fortaleza é que procede a emenda que não offende os brios. Se não encontrar o publico na resenha feita uma attenuante ás ousadias dos imberbes, fique-lhe ao menos no animo o exemplo dos raros auxiliares que acalentaram o desejo da sonhadora mocidade.

E tu, pagina de nossas lucubrações, espelho de nosso espirito, colibrí das azas brancas, abre as pennas ao vento, fita os olhos no espaço, se escurecer desce à ramada amiga, mas se a procella te vencer volta ao velho pouso e ahi acharás de pé a esperança que te gerou e a amizade que te alentou.



Acta da sessão de installação do Club Litterario,
aos 15 de Abril de 1875.

A's 5 horas da tarde, em casa de residencia do snr. José Maria de Araujo Junior, a seu convite reunidos os snrs. João Teixeira de Araujo, José Calheiros de Mello, Nicoláo Tolentino da Costa Junior, Carlos Jorge Calheiros, João Nunes de Oliveira Costa, Socrates Barboza de Moraes Cabral, Antonio Tolentino da Costa, José Pereira de Albuquerque, Manoel Esteves Alves Junior, Francisco Xavier da Costa, Ildefonso Nabuco de Figueiredo, Francisco Salustiano de Oliveira Costa, Miguel de Novaes Mello, José Candido Alves de Aguiar e Antonio Francisco Xavier da Costa, pelo mesmo snr. José Maria de Araujo Junior é proferido um breve discurso em que, depois de mostrar a necessidade e vantagens de uma associação que promova a cultura intellectual de seus associados pelo desenvolvimento escripto e oral de questões relativas ás materias do ensino secundario, sem exclusão das comprehendidas nas outras ordens de conhecimentos, declara que essa reunião tem por fim a fundação de um sociedade litteraria.

Obtem a palavra o snr. Novaes Mello e, adherindo á idéa apresentada, propõe que se dê á sociedade a denominação de Club Litterario. Fallam os snrs. Antonio Xavier, Nicoláo, José Pereira, Antonio Tolentino e Salustiano, acompanhando aos seus dous antecessores.

Sendo unanimemente acceitas as idéas apresentadas, são acclamados os membros que formam a mesa administrativa provisoria, á qual é confiada a direcção do Club:

Presidente — o snr. Antonio Francisco Xavier da Costa;

Vice-presidente — o snr. Miguel de Novaes Mello;

1.º Secretario — o snr. João Teixeira de Araujo;

2.º Secretario — o snr. José Calheiros de Mello;

Thesoureiro — o snr. José Maria de Araujo Junior.

Tomam posse de seus cargos os respectivos socios, e pelo snr. presidente é nomeada a commissão composta dos snrs. Novaes Mello, Salustiano e Nicoláo, para confeccionar os estatutos, cujo projecto deve ser apresentado na proxima sessão, que é designada para o dia 18 do corrente, ás 5 horas da tarde.

Não havendo mais trabalhos, levanta-se a sessão ás 7 horas da noite.

Sala das sessões do Club Litterario, em Maceió, 15 de Abril de 1875.

Presidente, *Antonio Francisco Xavier da Costa*.

1.º Secretario, *João Teixeira de Araujo*.

2.º Secretario, *José Calheiros de Mello*.

Bibliographia

Para nós que consagramos a vida ao cultivo das lettras, completamente estranhos á traiçoeira luta das paixões politicas que se chocão de um modo formidavel em nossa terra; para nós que, como Thierry, amamos a sciencia mais do que a saúde, e por força de logica, mais que a vida, a appareição de um livro, verse elle sobre assumpto que venha direito do coração, ou parta exclusivamente da cabeça, é sempre motivo de curiosidade. E, se pela leitura do mesmo deprehendemos que em suas paginas ha irradiações de imaginativa ou succo de reflexão, o interesse, a curiosidade, degenerão em enthusiasmo, ainda mesmo que no frontispicio da obra venha gravado o nome de um nosso desaffectedo, porque em nós os gelos do egoismo e os tacanhismos da inveja não falsêão os estros da verdade, ou antes não têm guarida no coração.

Mas, se o nome que sella o livro em que irradia a luz do talento nos é caro pelas relações sociaes, pelos laços da intimidade, então o enthusiasmo, depurando-se no cadinho do gosto e moldando-se á vontade do sentimento, resalta dos labios e da penna em protestos de veneração e apologia.

E tanto o que vimos de dizer é exacto que batemos palmas e sorrimos de ventura quando nos veio ás mãos o opusculo que, sob o modesto titulo de *Pontos de Arithmetica*, offereceu á mocidade estudiosa da provincia o talentoso professor de geometria do lycêo desta capital, Antonio José Duarte, nosso particular amigo.

O acto liberal do grande ex-ministro do Imperio, mandando que fossem aceitos nas escolas de ensino superior os exames de preparatorios feitos perante as Delegacias especiaes da Directoria

Geral da Instrucção Publica da Côrte, nas Provincias, abriu novos horisontes ás aspirações da mocidade que succumbia á falta de ar e luz. Por lado outro, robustos talentos que vivião retrahidos reconheceram azada a occasião de, no campo scientifico, tomarem a posição a que lhes dava direito um acurado labor intellectual.

É assim que em quasi todas as Provincias têm apparecido trabalhos em competencia reciproca sob aquelle que melhores vantagens offerece ao estudo de cada materia de que se compõem as humanidades.

Desse amalagma de raios partidos de differentes lugares e sóes differentes resulta uma aurora boreal de longa duração para a juventude sequiosa de luz.

As Alagôas, onde as lettras aliás são tão depreciadas, acaba de tomar parte nesse cataclysma de espheras resplendentes por intermedio do seu illustre filho, o professor Antonio José Duarte, que com o seu bem elaborado opusculo veio brilhantemente continuar a romagem tão esplendidamente encetada pelos snrs. Passos, Espindola e Pontes de Miranda, que por motivos ainda ignorados, a tempos estacaram no meio da jornada.

Não é a obra em assumpto um trabalho de alta monta, um tratado nem mesmo um compendio, é simplesmente o que diz seu titulo, uma collecção de pontos formulados e desenvolvidos sob a imposição da reforma de 3 de Fevereiro ultimo. Mas o que ninguem póde contestar é que se torna por tal forma precisa ao bom resultado dos exames da sciencia dos numeros, que o estudante de preparatorios quasi que não pode prescindir de tê-la em sua estante, por isso que em vinte capitulos é impossivel que se possa dizer mais sobre materia tão investigada. Sentimos que trabalhos momentosos não nos dêem lugar a fazer uma analyse detida sobre o proveitoso opusculo do nosso illustrado amigo. Entretanto, digne-se o professor Antonio José Duarte de receber as nossas felicitações pela sua brilhante estréa no mundo scientifico, e praza aos ceus que a indiferença inherente ao espirito de nossa sociedade não gere no coração de quem com tanta galhardia acaba de conquistar os fóros de escriptor, o desanimo, este eterno homicida das vocações no Brazil.

IGNACIO DE BARROS.

Influencia da mulher na litteratura

I

A prodiga mão da natureza nem a todos quiz mostrar quanto era fertil, e nem em todas as almas expandiu a luz fulgurante da sabedoria.

Entre os homens reina completa divergencia, já em conhecimentos e sentimentos, já em tudo quanto caracteriza a especie humana.

Com alguns foi a Providencia mais franca, com outros mais restricta, e assim por diante; mas, não obstante a insufficiencia de uns e a capacidade de outros, não é vedado a qualquer homem em cujo coração transluz um lampejo de aspiração, trilhar a florida avenida das lettras e desfraldar nas ethereas regiões do espaço o auriverde estandarte do progresso.

Assim pois, nós, pobre cultor das patrias lettras, não deixaremos de pugnar pelo progresso, e como o peregrino que silencioso vae ter aos altares do Deos de seus paes, para de joelhos, elevando preces aos Ceos, originadas de seu coração, symbolisar o sacrificio do prazer ao dever e prestar-lhe culto, assim nós recalcan-do as impetuosidades do coração, trilharemos o esperançoso caminho das lettras, até que no horizonte do porvir se descortine o destino que nos ha dado a Providencia.

Não obstante ser de grande importancia o assumpto de que passamos a tratar, e como não esteja em nossas forças o seu bom desenvolvimento, todavia apresentamos à justa critica dos intelligentes leitores o mesquinho fructo de nossas lucubrações, depositando em sua benevolencia inteira confiança.

II

A mulher, obra prima da natureza, perola cahida das mãos do Eterno, é segundo o nossso fraco pensar uma das causas primordiaes, que influem no vasto campo da litteratura.

Considerada debaixo de qualquer ponto de vista, é sempre a musa predilecta do escriptor.

Quando mãe, nome sacrosanto que balbuciamos e tão doce

que desde o berço occupa o nosso pensamento, é a senhora de nossos dias, o anjo tutelar que dá lenitivo ás nossas maguas e infortunios, o ente em cujos braços nós respeitosa nos lançamos a fruir as ternas caricias e os doces afagos, e a depositar em suas santas faces o osculo fiel de amor e gratidão.

O amor filial, que pullula em todos os corações, é uma das fontes principaes da inspiração.

O joven e immortal poeta *Casimiro de Abreu*, que cingio a sua fronte com venerandos louros e conquistou sympathias e das futuras gerações eternas saudades, foi um dos escriptores sentimentaes, que soube avaliar o que era a mulher mãe, desferrindo da lyra canções harmoniosas, fieis confidentes de seus amores.

Em sua poesia, intitulada *Minha mãe*, mostrou o intelligente poeta quanto estava electrizado pelas perennes e doces flammias do amor filial.

Quando, qual flor pendida ao chão, ludibrio dos impetuosos ventos, jazia no luctuoso leito da morte, mostrou quanto amava a sua pobre mãe com phrases que do intimo d'alma lhe produzia este delicioso sentimento.

E' a mais importante phase da mulher o ser mãe, é a phase por excellencia a que todos os homens reverentes se curvão, protestando o seu amor.

Passaremos agora a tratar de outros pontos em que a mulher influe na litteratura.

Momentos ha, em que o homem por mais que se esforce, por mais que almeje expandir o que em sua alma sente, sempre ante sua frente se antolhão empecilhos, filhos de sua ineptidão.

Desejaria pintar com as variegadas flores da rhetorica um assumpto tão elevado cuja principal base é o amor, licôr savorosissimo, doce transumpto de emanções celestes.

O amor, nobre sentimento, balsamo sagrado do coração é uma fonte de inspirações, em que se submergem os dilectos filhos das musas, os conquistadores dos laureis da gloria.

No alvorecer das manhãs, quando desponta o radioso sol da mocidade, é então que surgem do intimo d'alma as phrases reveladoras dos sentimentos mais nobres.

A mulher, fiel prototypo do amor, resume em si os dotes mais seductores, as qualidades mais egregias com que o autor da crea-

ção mimoseou-a como para ser o emblema da perfeição humana,

Quando no berço, é considerada por seus paes como um rico dote que lhes legou a Providencia.

Em tão tenra idade, cercada das brilhantes nuvens da innocencia, é ella o anjo da pureza, que em si encerra qualidades não só que a ennobrecem, como também que a divinisão.

Pouco a pouco vae subindo a graduada escala da vida, e attinge à mocidade, flor de petalas aureas, onde desponta a sociedade futura, esplendido ramalhete das esperanças do porvir.

Como o lindo botão de rosa que, borrifado pelo orvalho do crepusculo matutino, esparge seu doce aroma pelas florinhas delicadas da campina, assim também a mulher, gentil credora de nossos affectos, imprime em nosso espirito os seus meigos encantos e attractivos.

E' então que o radiante sol dos amores começa a diffundir os seus chammejantes raios no tenro e ingenuo coração da mulher.

Cingida a fronte com a aureola de felicidades, vive ella fruindo nos patrios lares as delicias que lhe permitem a sua idade.

Agora que já pintamos a mulher e o sentimento que se aninha em seu coração, convém provarmos como influe na litteratura este delicioso sentimento.

Para robustamente provarmos a verdade que deixamos enunciada, basta que consideremos por alguns momentos o magestoso vulto do creador da epopéa lusitana.

Camões, cujo nome do solo portuguez veio ecoar nas plagas brasileiras, aquelle vulto sobre cuja lousa ainda hoje nós respeitosaes derramamos lagrimas de eterna saudade e gratidão, foi um dos genios mais celebres de Portugal, um dos mais insignes conquistadores dos laureis da fama. Assim, vemos que esse homem tão distincto, cujo nome esculpido em lettras d'ouro n'uma das paginas dos annaes da historia litteraria, servirá de alvo às gerações futuras, adquirio o justo renome de que goza, sob a influencia do amor de D. Catharina de Atayde.

Natercia foi o anjo gracioso de seus sonhos, a virgem dilecta de seu coração, o astro brilhante de sua vida.

Por ella o poeta soffreu maguas cruentas, atrozes dores, e por fim sorveu a amargurosa taça da desgraça, quando a morte descarregando o golpe fatal sobre aquella que era a alma de sua alma,

privou-o das delicias da existencia de que foi, sem duvida alguma, credor o eminente poeta.

Assim como Camões, muitos outros soffreram, é verdade, mas legaram seus nomes á posteridade, d'envolta com os nomes das mulheres que os amaram na vida, d'aquellas que compassivas entornaram no espirito d'esses genios o balsamo da crença que os alentava em meio de sua jornada de peregrinos da gloria.

Fôra mui longo cital-os para comprovar a asserção que estabelecemos; por isso, julgando sufficientemente desenvolvido, na proporção de nossas debeis forças, o transcendente assumpto de que nos occupamos hoje, isto é, a influencia da mulher na litteratura, damos por terminada a nossa missão n'este ponto que desejamos que fosse com brilhante proficiencia estudado por outros collegas de mais reconhecida intelligencia, de mais provada experiencia nas lides do jornalismo.

OCTAVIANO ESPINDOLA.

O positivo e o ideal

(Versão)

DIARIO D'UM ARTISTA

Arechavaleta, 17 de Julho de 186...

Seguindo meu velho e grato costume, querido Carlos, volto a emprender o minucioso diario que te escrevo sempre que estamos separados. Desde que n'um mesmo dia saímos do collegio, onde começou essa amizade de irmãos, jamais te faltei com a agradavel tarefa a que então me impuz, estimulado por instancias tuas. Até hoje, só a ti podem offerecer interesse os acontecimentos de minha vida, mui prosaicos e vulgares felizmente, pois que de igual modo pôde se dizer dos individuos como dos povos: «Ditosos os que não têm historia».

Minha mãe e tú! Não tenho conhecido e amado no mundo outros seres além de vós. Mas amo tambem com delirio, com entusiasmo, minha divina profissão, minha divina arte, a mesma que immortalisou a Appelles e Murillo, e que espero leve meu

nome á posteridade. Á minha arte devo já minha nascente e modesta reputação; a ella devo um honroso bem-estar que me permite proporcionar algumas commodidades á pobre velhinha que não confia n'outro apoio além do de seu idolatrado filho.

Quem sabe! Si meu pai tivesse conservado os milhões que herdou de seus avós, me teria talvez destinado a qualquer dessas insipidas carreiras em que o homem vegeta e se extingue sem produzir cousa alguma util, sem deixar vestigio ao menos de sua rapida passagem neste mundo. Filho de um diplomata opulentissimo, de certo me teriam destinado á diplomacia, e afigura teu Luiz arrastando sua vida ociosa pelos *boulevards* de Paris ou pelos parques de Londres, e adquirindo entre os talentos, que se diz adquirem no estrangeiro, uma razoavel quantidade de vicios asquerosos!

Sim, Carlos; a não ser porque a ruina de meu pai, devida a especulações infelizes, cortou-lhe o fio da existencia, não sentiria ter perdido uma riqueza que teria tornado estereis minhas disposições para a pintura. Quem me dissera que ao dar-me suas lições ao infeliz, o illustre Genaro Perez de Villaamil, me proporcionava os meios de assegurar ao mesmo tempo a subsistencia de minha mãe e a minha propria? Todos nós as consideravamos então como o complemento da educação esmerada que recebia; mas occorrem-me sempre as palavras propheticas que certa manhã me dirigio meu querido professor.

— Luizinho, — disse-me, admirado de meus progressos, — si algum dia chegasse você a ser pobre, poderia com seu pincel conquistar outra fortuna.

Deus queira que sua nobre predicção se realize; Deus queira que minha mãe em seus ultimos annos torne a desfructar as commodidades que um dia teve, e que em sua anciania não achará de mais!

Vás a rir-te seguramente de mim, Carlos; mas, em meio de tudo isso, creio que não invejo as vantagens que deves á sorte; creio que não trocaria por tua posição alta, brilhante, esplendida, minha humilde posição. Tú és conde de S. Genaro e grande de Hespanha de primeira classe; tens pouco mais ou menos 40,000 duros de renda; eu sou um artista, quasi desconhecido ainda, que no entretanto alcançou um premio na ultima exposição; um pobre rapaz finalmente que não ganha 40,000 reaes no

anno . . . Pois bem, repito, não trocaria contigo, porque amo essa minha arte mais do que tudo; porque ambiciosos sonhos de gloria me acariciam desperto como dormido; porque, si realizar-se inteira a prophesia de meu mestre, tudo deverei a mim proprio; quanto a ti — perdôa! — só o deves á casualidade que te fez nascer grande de Hespanha, como te podéra fazer nascer sapateiro. É sem duvida grande cousa um nome e uma riqueza herdada, mas é muito melhor um nome e uma fortuna conquistada com o talento. Perdôa, perdôa-me outra vez este meu orgulho.

Sabes o que unicamente te invejo com toda a minha alma? — É pois essa docil e affavel pupilla, esse anjo de belleza e de bondade, de quem és a um tempo irmão e pai. — Angela se devia chamar, e Angela se chama; porque sua missão a teu lado parece ser a de defender-te contra as tentações da sociedade em que vives, obstando-te a succumbires em seus escolhos; porque, creando para ti deveres sagrados, que cumpres admiravelmente, dá objecto á tua vida que de outro modo se consumiria no ocio, ou em cousa talvez peor.

Quizera, pois, ter uma irmã carinhosa, linda, innocente como ella, para consagrar-me inteiramente á sua felicidade, assim como o fazes. — Mas, como sábia, providente e justa é em tudo a Providencia divina! A ti, arrebatando teus progenitores em idade temporã, deixou-te em compensação essa creatura pura e debil: a mim, ao privar-me de meu apoio natural, quando não havia completado ainda vinte annos, constituiu-me defensor e arrimo de uma anciã desvalida e enferma: a ti, portanto, te fez pai de tua irmã; a mim imprimiu-me igual character a respeito de minha mãe. Demos graças, demos graças ao Omnipotente que nos assignalou entre ambos um objecto tão digno, tão elevado, tão santo, de nossos afãs e de nossos esforços!

(*Continúa.*)

Argollo Ferrão

OU

A VISÃO DO CEMITERIO

(PHANTASIA AOS BAHIANOS)

E' noite! No cemiterio
Tudo é tristeza e mysterio,
E vaga em manto funereo
Abafada uma visão!
Alguma cousa procura;
Chega a uma sepultura
E, soluçando, murmura:
« Acorda, Argollo Ferrão! »

« Oh! desperta, americano,
Bello typo de spartano,
Gloria do povo bahiano,
Mais heroe do que Catão!
Escuta a voz da saudade
Da patria — tua deidade —
Que vem n'esta soledade
Chorar-te, Argollo Ferrão. »

« Porque tão cedo deixaste
A terra que tanto amaste,
Que lá no Prata exaltaste
Aos estrondos do canhão?!...
Ergue a fronte laureada,
Suspende a lousa gelada;
Minha voz angustiada
Escuta, Argollo Ferrão. »

« Teu nome bello e famoso,
Oh! filho meu glorioso,
Gravei-o no meu saudoso,
Sempre firme coração:
Rego-o de lagrimas puras
Nestes dias de torturas,
Que eu já não tenho venturas,
Ai! meu Argollo Ferrão! »

« Eras meu astro de glórias,
Motor das minhas victorias
Bellas, nunca transitorias,
Meu prazer, minha paixão !
Morreste ! . . . foi-se a alegria !...
E eu que outr'ora sorria,
Choro por ti noite e dia,
Meu grande Argollo Ferrão ! »

« Como é fatal meu destino !...
Nunca me deixa, ferino,
D'um filho meu, nobre e dino,
Fruir a doce affeição !
Lança-o logo impiamente
Sobre um tumulto silente,
Como a ti, oh ! meu valente
E grande Argollo Ferrão. »

« Dos Guarany's triumphei,
Ao Lopez vil esmaguei,
Hoje no Prata dou lei,
— Sou respeitada nação ;
Foi esplendida a victoria,
E' mui bella a minha historia,
Mas p'ra mim que val a gloria
Sem ti, Argollo Ferrão ? »

« Os filhos meus mais amados,
Muitos em sangue banhados,
Têm vindo cahir gelados
Das campas na solidão !
Seus peitos não pulsam mais,
Não hei de vel-os jamais !
Tambem morreste ! . . . meus ais
Escuta, Argollo Ferrão. »

« Porque tão cedo deixaste
A terra que tanto amaste,
Que lá no Prata exaltaste
Aos estrondos do canhão ? !...
Escuta a voz da saudade
Da patria — tua deidade —
Que vem n'esta soledade
Chorar-te, Argollo Ferrão. »

Aqui a visão calou-se,
Sobre a campa debruçou-se,
Muito tempo conservou-se
Em sepulchral inacção !
Mas de repente eil-a erguida !...
Quem fel-a tornar á vida ? !
Com que pasmo olha a querida
Campa de Argollo Ferrão ? ! ...

Vae bem limpido o horisonte,
E a lua a sua fronte
Lentamente atraz d'um monte
Occultou e o seu clarão ;
Ainda de si, porém,
Um raio lançado tem
Que banhar a lousa vem
Do grande Argollo Ferrão.

Mas a visão o que vira,
O que foi que presentira,
Ou por acaso delira
Na sua desolação ?
Não ! . . . É que a campa rangera,
A interno esforço cedera
A lousa, e de dentro se erguera
O grande Argollo Ferrão !!!

Escutemol-o — « Me chamaste,
Oh ! patria, tanto choraste,
Com tanta dôr te expressaste
Aqui n'esta solidão,
Que o Senhor me concedeu,
Por sublime favor seu,
Que eu te fallasse. — Eis o teu
Sempre adorado Ferrão. »

« Vem, patria, quero abraçar-te,
Quero no peito encostar-te,
E nas faces oscular-te,
Ter-te sobre o coração ;
Contar-te o gozo dos céus,
Inda ouvir dos labios teus
Um suspiro, um terno adeus...
Corre, abraça o teu Ferrão. »

« Mas como estás abatida,
Co' a face empallidecida ? ! ...
Queres pois perder a vida
Em tão acerba afflicção ? !
Patria, patria, enxuga o pranto,
Minha mãe, não chores tanto,
Oh ! tu não sabes o quanto,
E'ditoso o teu Ferrão. »

« O Caxias glorioso,
O teu Osorio assombroso,
O invicto Barroso
Consolações não te dão ? ?...
Minha mãi, estou 'nos Céus,
Habito o lado de Deus ! ...
Patria, patria, adeus, adeus,
Volta aos Céus o teu Ferrão. »

E a patria que pasmada
Ficára escutando amada,
Firme voz cadenciada
Do brasileiro titão,
Desperta á palavra — *Adeus*,
Consternada encara os Céus,
Inda quer nos braços seus
Deter Argollo Ferrão.

Foi tarde !... O heroe tornando
Á campa foi-se deitando,
Sobre ella foi lançando
Á lousa invisivel mão !
E a visão angustiada,
Sobre a campa, debruçada
Soluçando exclama, brada:
« Piedade, oh ! meu Ferrão. »

Lá se ennubla o horisonte,
E a lua a sua fronte
Já de todo atraz do monte
Occultou e o seu clarão !
Tudo é trevas e mysterio,
Só se escuta em som funereo,
A visão do cemiterio
Chamando Argollo Ferrão.

IGNACIO DE BARROS.

Chronica

Maceió, 30 de Julho de 1876.

Por ser muitissimas vezes citado, é bem conhecido dos leitores o apophtegma de Pelletan: — *O mundo marcha.*

O eminente escriptor francez bem razão teve para isso dizer, maxime quando cabalmente provou.

Lamartine, porém, não sabemos se por vaidade ou lá porque bem quiz, esquecendo o seu passado glorioso, tratou de contestar a seu eloquente e inspirado discipulo dizendo-lhe: — *O mundo não marcha.*

Travada a lucta, a nosso ver o velho mestre foi vencido; d'isso de dia em dia vamos nos convencendo ainda mais.

Prescindimos de analysar o immenso progresso intellectual e material do seculo, porque todos quasi que estão scientes principalmente do de nossa terra. O troar do carro do progresso em sua passagem triumphante desperta nos corações de todos o desejo ardente de tambem dizer a que viemos ao mundo. Á vista de tanto movimento só um cataleptico ou quem tem nevoa nos olhos, pode permanecer calado, mas não aquelles que sentem pulsar nos seus corações a mais sincera adhesão pelas grandes idéas.

Assim alguns moços que desejam ser uteis á patria, e ainda mais, ver a aurora da regeneração desabrochar nos horisontes d'ella, reuniram-se no dia 15 de Abril de 1875, e fundaram uma sociedade litteraria com o seguinte titulo — Club Litterario. A sua apparição, como já se sabe, foi bem accita e saudada por uns e censurada por outros. Uma chusma de *prophetas* não se fez esperar; e então com sons patriarchaes exclamaram: — *Não tem um mez de vida; é cousa de Maceió.*

Mas como para uns *querer é poder*, o Club se tem conservado.

★

Narrar todo o occorrido n'uma sociedade no periodo d'um anno e quatro mezes é inquestionavelmente monotono, e é preciso ter tacto macio para fazel-o sem sequer de leve offender a susceptibilidade de alguns. Se todos visassem o mesmo fim, se todos bem comprehendessem o compromisso contrahido com a installação de qualquer sociedade, então o chronista nada teria que omittir; só empregaria todas as forças de sua intelligencia em fazer uma exposição digna dos actos praticados. Mas isto não passa de esperança vã. Em toda a parte sempre ùa *mão de finado* a estorvar as vontades de uns, sempre a querèr dirribar o

edificado por outros! Regra infallivel. O Club Litterario não pôde passar incolume, não pôde ser excepção. A degeneração não custou a apparecer, os destruidores surgiram á porfia; mas a derrota lhes foi ministrada pelas proprias mãos. — Os estatutos cumpriram-se.

★

Depois da tempestade a bonança apparece. Então nada nos extasia mais do que contemplarmos em descanso os louros de uma victoria. Um olhar de compaixão não podemos furtar-nos de lançar ao inimigo vencido, que todavia nos fez um bem. Os protestos de dedicação jamais serão esquecidos. A posição que hoje tem o Club é cabal prova do que havemos dito. N'um progredir continuado hoje os seus associados vêem realisar-se os seus mais ardentes desejos — a publicação mensal de sua Revista.

Pelas razões já expostas não publicamos todo o havido, como compete ao chronista, e passamos a agradecer os obsequios recebidos.

★

Principiemos pela industria.

O jornalismo desta provincia acaba de tecer os mais merecidos encomios ao distincto e incansavel pharmaceutico o illm. snr. major Claudino Falcão Dias. O serviço real por elle feito especialmente ao functionalismo publico e ao commercio não devia passar sem um verdadeiro preito de todos os comprovincianos.

As tintas ultimamente por elle expostas á apreciação publica revelam o mais apurado trabalho, e são quanto basta para garantirmos que, se os dedicados á industria tivessem igual vontade, não dependeriamos tanto do *estrangeirismo*.

Exemplo digno de imitação.

O snr. major Claudino, offerecendo ao Club as amostras das tintas de sua composição, mais uma vez o distinguio. Os protestos de gratidão e louvor em nome da sociedade reiteramos.

★

Os povos têm uma intervenção immediata nos destinos dos paizes, e, como disse um escriptor, *a elles compete julgar os actos do governo*. Para isso se realisar, para que as palavras populares possam chegar o mais breve aos ouvidos do rei e daquelles que vivem ao lado da purpura, a imprensa é o orgão mais apto.

Michelet disse: « O jornalismo é um poder, e um poder so-

berano, grandioso, porque representa o povo. Onde elle existe necessariamente ha alguma civilisação. »

Pois bem, escudados nas palavras citadas comprimentamos aos nossos patricios, que actualmente se publicam nesta capital: dous diarios e seis periodicos. Não nos compete analysal-os e isto declaramos sem deixar de render nossos sinceros agradecimentos ao proprietario da *Palavra* e aos redactores do *Labarum* e da *Borbolêta*, os quaes offereceram ao Club os seus numeros.

O primeiro é imparcial. O seu proprietario pensa ou tem em mira as palavras seguintes: *La justice est le pain du peuple*. O segundo é orgão da maçoneria, e já a mezes tem deixado de ser publicado. O terceiro é redigido por alguns dos lyceistas, e tem por divisa o seguinte: *Avante mocidade estudiosa, o porvir é nosso*.

Da cidade do Pilar tem o Club recebido alguns numeros do *Jornal do Pilar* e do *Sete de Setembro*, jornaes politicos que defendem os direitos do partido coservador.

Só agora o Club póde retribuir tanta delicadeza.

Aos collegas pedimos que com os corações cheios de fé, nutrindo os sentimentos que nobilitam os homens, sustentem, como até hoje, suas posições honrosas, tendo em vista as palavras de Rousseau: « O jornal é o santelmo da sociedade — que vive á sombra das idéas liberaes. »

★

È sempre para se admirar o afan dos lidadores nas installações das sociedades. Senão fosse a calcação da modestia, senão fosse o almejo sofrego da occupação dos lugares distinctivos, muito teriamos a contemplar de humanitario. As deserções como que de chofre apparecem; os tentamens tão festejados são mallogrados em agrão. A mystificação é inevitavel no seio de nossas sociedades, os acrisolados votos de protecção trazem em si a ficção; a vaidade sem o somenos esforço solidifica seu throno. Resultado contristador !

Mas do meio de tantas desordens, do meio de tantas trevas, se ergue um vulto tão brilhante como nova Phenix — é o Instituto Archeologico Geographico Alagoano, unica e verdadeira sociedade da provincia.

Contando em seu seio extrenuos lidadores, de lá temos recebido não só provas de protecção como tambem a sua Revista.

Por nossa vez retribuiremos e confessamo-nos gratos.

★

Nosso consocio Manoel Martins Gomes publicou e offereceu ao Club um volume de poesias de sua composição.

Pedimos ao publico que as aprecie.

★

Eis cumprida, como podemos, a nossa missão.

Somos os primeiros a conhecer e a dizer que esta chronica vai eivada de erros. Á primeira vez que empreendemos trabalho desta ordem, já tínhamos como certas as lacunas que o rechêam.

Mas nos assiste um direito que é de pedirmos aos entendidos que em lugar de uma critica das animadora prodigalisem uma lição de mestre aos discipulos, que nutrem ardentes desejos de aprender.

A Revista Mensal do Club é o ensaio de alguns moços que, confessando a pobreza de conhecimentos, não se envergonham de emendar os erros commettidos.

M. DE N.



EXTRACTO DO CATALAGO DA LIVRARIA FIRMO

RUA DO COMMERCIO N.º 45

JOSÈ DE ALENCAR

Senhora, 2 vol. enc.
Guerra dos Mascates, 2 vol. enc.
Sonhos d'Ouro, 2 vol. enc.
Tronco do Ipê, 2 vol. enc.
A pata da Gazella, 1 vol. enc.
Iracema, 1 vol. enc.
Ao correr da penna, 1 vol. enc.
Til, 4 vol. enc.
O garatuja, 1 vol. enc.

G. DIAS

Obras posthumas, 6 vol. enc.

GARRET

Dona Branca, 1 vol. enc.
Viagens na minha terra, 2 v. enc.
A sobrinha da Marqueza, 1 v. enc.
O alfageme de Soutacom, 1 v. enc.
Frei Luiz de Souza, 1 vol. enc.
Philippa de Vilhena, 1 vol. enc.
Catão, 1 vol. enc.
Lyrica, 1 vol. enc.
Arco de Sant'Anna, 2 vol. enc.

TH. BRAGA

Historia da poesia popular portugueza, 1 vol. enc.
Cancioneiro popular, 1 vol. enc.
Historia da litteratura portugueza, Amadis de Gaula, 1 vol. br.
Floresta de romances, 1 vol. enc.
Flores verdes, 1 vol. enc.
Romanceiro geral, 1 vol. enc.

PASCUAL

A morte moral, 2 vol. enc.

MACEDO

O forasteiro, 3 vol. enc.

C. C. BRANCO

Mosaico, 1 vol. enc.
Ao anoitecer da vida, 1 vol. broch.
O regicida, 1 vol. broch.
A filha do regicida, 1 vol. broch.
Annos de prosa, 1 vol. enc.
Scenas contemporaneas, 1 v. enc.
Duas horas de leitura, 1 vol. enc.
Scenas da Fóz, 1 vol. enc.
A filha do arcediogo, 1 vol. enc.
A sereia, 1 vol. enc.
Um livro, 1 vol. enc.
Guilherme do Amaral, 1 vol. enc.
Scenas innocentes, 1 vol. enc.
O demonio do ouro, 1 vol. enc.

S. SMILES

O poder da vontade, 1 vol. enc.

ESCRICH

As obras de misericordia, 4 v. b.
Casamentos do diabo, 3 vol. enc.
Martyr do Golgotha, 4 vol. broch.

J. DINIZ

Uma familia ingleza, 1 vol. enc.
Morgadinha dos canaviaes, 1 vol. enc.
Serões da provincia, 1 vol. enc.
As pupillas do snr. reitor, 1 vol. enc.

REBELLO DA SILVA

Contos e lendas, 1 vol. broch.
Mocidade de D. João V, 3 vol. enc.

C. FIGUEIRÊDO

Quadros cambiantes, 1 vol. enc.
O poema da miseria, 1 vol. enc.

DICCIONARIO UNIVERSAL

DE

EDUCAÇÃO E ENSINO

Util á mocidade de ambos os sexos, ás mãis de familia, aos professores, aos directores e directoras de collegios, aos alumnos que se preparam para exames, contendo o mais essencial da sabedoria humana

Livraria Firmo, rua do commercio n. 45

CAMILLO CASTELLO BRANCO

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

Noites de Insomnia

Esta publicação mensal, redigida por um dos principaes litteratos portuguezes, como é o snr. Castello Branco, assigna-se e vende-se em numeros avulsos á livraria de João Firmo, rua do commercio n. 45.

RECREIO INFANTIL

Periodico illustrado, dedicado ás creanças brazileiras, e collaborado pelos melhores escriptores portuguezes, publica-se 2 vezes por mez e assigna-se á razão de 4\$800 por anno, pagos adiantados, na livraria de João Firmo á rua do commercio n. 45.

TINTAS DE ESCREVER

VERDE-NEGRA ROXO-NEGRA E AZUL-NEGRA

Preparadas pelo pharmaceutico Claudino Falcão Dias, acham-se á venda na pharmacia do autor á rua do commercio n. 59 e na livraria Firmo.